

O pensamento dominante na economia, crenças, becos e saídas

Lolita Sala, mãe, tradutora, membro fundador da ALFA-JÁ, Assoc. Universitária de Apoio à Cultura e Educ. de Jovens e Adultos; Bacharel em economia pela FEA-USP, graduanda em pedagogia pela FE-USP, lolita.sala@gmail.com.

Abstract

This article shows in which ways conventional academic productions and thinking with their peculiar view of economy, their own principles and methods contribute to an “understanding” of “world” and “economy” separate from each other, in such a way that in the news it is said “global economy is doing well” at the same time that is shown that the world is doing poorly and how this “understanding” is an important cause why, materially, the world is doing poorly and social development is a dream. It ends with thoughts on the way of thinking necessary to a solidary economy.

Keywords: metodologia, mitos, lucrologia, interdependência, complexidade

Resumo

Este artigo mostra de que forma o pensamento convencional e as produções acadêmicas com sua visão peculiar da economia, seus princípios e métodos próprios contribuem para um “entendimento” separado de “mundo” e “economia”, tal que nos jornais se diga “a economia global vai bem” ao mesmo tempo que se mostra que o mundo vai mal, e como este “entendimento” é uma importante causa de, materialmente, o mundo ir mal e o desenvolvimento social ser um sonho. Finaliza com considerações sobre o pensar necessário para uma economia solidária.

Palavras-chave: metodologia, mitos, lucrologia, interdependência, complexidade

1. Introdução

Os jornais quando dizem “a ‘economia’ global vai bem” e mostram que o mundo vai mal, deixam claro que alguns passaram a chamar de ‘economia’ algo que não é o mundo onde trabalhamos, produzimos e consumimos.

O pensamento dominante em economia é demasiado distante da realidade, inconveniente em vários sentidos. Autores de diferentes áreas, mesmo economistas, argumentam, hoje, por diversos motivos, que a economia nem constitui propriamente uma ciência,. Fato é que suas premissas são especificamente convenientes para justificar a ideologia da acumulação. E que baseados nelas e com os procedimentos decorrentes delas, montamos o sistema mais insustentável desde o início dos tempos.

Henderson (2004) argumenta que pesquisas atuais em neurociências, endocrinologia, psicologia , física, matemática, antropologia ao invalidarem premissas que alicerçam modelos econômicos, revelam que a economia “é uma profissão, não uma ciência”. Em seu entender, teorias de economistas eram em grande parte hipóteses não passíveis de serem provadas, verificadas ou refutadas empiricamente e o que os economistas chamam de princípios são “meros conceitos” que freqüentemente abrigam ideologias políticas ou sociais atrás dos véus da sofisticação matemática. Ela cita o Prof. Dr. Hans Peter Durr, do Max Planck Institut: “economia não é sequer ciência ruim, é incorreta em muitas das suas premissas básicas”; e Fritjof Capra: “A dimensão de significado, propósito, valores e conflitos é essencial para a realidade social. Qualquer modelo de organização social que não inclua estas dimensões essenciais é inadequado. Infelizmente, isto é o caso na maioria dos modelos teóricos da economia hoje.”

As teorias desenvolvidas nos últimos séculos no campo da economia não orientam nossas práticas. Não resolvem nossas questões . Não resolveram nos séculos 19 e 20 e vão resolver menos ainda no

século 21, agora que as premissas se aplicam cada vez menos, pois os setores cada vez mais se "consolidam" e o elemento concorrência – sobre o qual se apóia o castelo de cartas do ‘pensamento dominante na economia (PDE) – influencia cada vez menos no mercado, e o capital e o poder político se concentram cada vez mais no lado financeiro da economia.

Os níveis de desigualdade, miséria e degradação da ecosfera são suficientes para atestar que certamente não temos uma ciência econômica capaz de explicar e nortear o sistema de produção e alocação de bens e serviços. E que precisamos mais que nunca de uma.

2. A anti-economicidade do pensamento dominante na economia

O PDE nem é genuinamente econômico. É apenas lucrológico. O individualismo foi alçado a uma tal ascendência, o lucro individual de curto prazo forjou para si tamanha hegemonia, que todas as demais realidades da economia foram sujeitadas. O PIB por exemplo, o que indica? a riqueza, a vitalidade, a saúde econômica de uma dada população? Ele, ao somar as atividades individuais das empresas, deixa de fora (como elas) os desgastes social e ambiental que estas empresas custam à população. O PIB mede as atividades apenas, é um indicador meramente lucrológico.

As teorias ditas “econômicas” na pratica incentivam a concentração e procedimentos individuais para soluções nas esferas pessoal ou pública – como a acumulação, a corrupção, a fraude e o suborno. A tal ponto, que, efetivamente, o PDE é desfavorável à dinâmica da produção, distribuição e consumo.

Concretamente, por não beneficiar o sistema no seu conjunto, apenas indivíduos, por fundamentar práticas que inviabilizaram a participação na produção e no consumo para a maioria, com a automatização crescente da produção e a mira desta centrada cada vez mais nas camadas mais altas, descartando quantidades sempre maiores de mão-de-obra, tomando o trabalho, como diz Viviane Forrester, ao mesmo tempo obrigatório e proibido, e por permitir, mediante a concentração da renda, a atual overdose de poder que distorce e descaracteriza tão deploravelmente os mecanismos de representação democrática, o pensamento dominante na economia é mais precisamente “anti-econômico”. Suicida.

3. Algumas falhas metodológicas evidentes do pensamento dominante na economia

O pensamento estritamente lucrológico se faz passar por “econômico” como se englobasse o conjunto, como se fosse lógico, como se fosse o único concebível, como se fosse ahistórico, natural como as leis da física. Ele reduz produção, consumo e intercâmbios materiais às transações quantificáveis, associadas a bens individualmente apropriáveis. Não são objeto da lucrologia coisas como uma espécie biológica, o grau de pureza da atmosfera, o vigor da vida comunitária, a conexão das pessoas com a natureza, com a transcendência e com elas mesmas, por não se poder expressar em valor. Ficam coisas importantes demais de fora dessa ultrapassada visão “das riquezas das nações” que se pretende universal, quando na verdade é muito peculiar.

O PDE exclui os danos causados à natureza, à saúde dos indivíduos, à sociabilidade, exclui a produção operada pela natureza e a produção, as trocas e os consumos realizados sem contrapartidas pecuniárias (como os bens e serviços produzidos/consumidos minuto a minuto por motivos não monetários, todos os serviços relacionados com o cuidado que os membros de uma família têm uns com os outros, entre os mais novos e os mais velhos, por exemplo, a educação e a psicologia, os serviços sociais informais, todos os favores e presentes que são trocados, sem os quais perderiam muito da sua vitalidade as relações em geral - e em especial as comerciais). O PDE é uma triste desfiguração da vida econômica. Reduz o trabalho a uma mercadoria, a vida a um mercado e o ser humano a um aproveitador. E como resume o administrador e professor Cacildo Marques, em uma comunicação pessoal: “Economia sem juízo de valor é só economia sem juízo”.

Como se não bastassem os gigantescos danos à economia (teoria e prática) produzidos pelo PDE, ele ainda se infiltra em muitas outras disciplinas e contamina também a comunicação de massa, colonizando nos mais diversos jornais, revistas e noticiários impressos, sonoros ou digitais, seções devotadas exclusivamente à categoria lucrológica da economia. É preciso reconduzir o lucro a seu estatuto de categoria constituinte mas não identificadora dentro do estudo da riqueza e das trocas. E restituir a dimensão relacional desta disciplina, devolvendo seu caráter complexo, imaterial e holístico. Equilibrar a visão de mundo da economia contrapondo a este lado notadamente masculino, associado com o desbravamento, a exploração e a competição com o feminino da manutenção, da cooperação, do cuidado e da inclusão.

Dentre as várias limitações do PDE, Rita de Cássia L.F.Santos aponta 4: “a falta de técnicas para lidar com eventos singulares no tempo irreversível - ou seja, na história. Os modelos nos quais somos treinados se aplicam bem aos eventos recorrentes, como o comportamento de demanda e oferta de bens e serviços em função do preço mas não explica por exemplo o processo de mudança no perfil dos bens e serviços demandados e ofertados (...). Segundo, a economia privilegia a análise em termos de variáveis quantificáveis, quando as transformações mais importantes estão ocorrendo nas características não facilmente mensuráveis da realidade econômica. Nesse sentido, ela apreende perfeitamente bem a escala das novas transações na economia globalizada, mas diz muito pouco sobre o caráter dessas transações. Terceiro, a economia submete os problemas que formula a modelos lineares ou linearizados, quando há sinais evidentes de que a dinâmica da realidade obedece a padrões mais complexos e sofisticados do que a relações causais unidirecionais ou a relações simultâneas lineares. Por fim a economia não reconhece como parte da análise elementos importantes para se conceber as interações que dão ensejo aos eventos econômicos. Estamos falando da administração pública, da ação judiciária, das condições sociais da dinâmica tecnológica das instituições políticas, da legislação das questões regulatórias e muitas outras.”

4. A fé dominante na economia e suas conseqüências

Recai sobre nós, que estamos hoje na Terra, a responsabilidade inescapável de decifrar o falso e determinar, com a combinação das nossas ações e omissões se a humanidade vai ou não – ao final das próximas décadas – poder continuar neste planeta. A crença cega nos princípios e métodos da doutrina da lucrolatria nos ameaça de extinção. A essência desse desafio, nunca antes enfrentado de forma consciente por uma espécie, é superar nossa atual visão de mundo.

Nada do que nos resta fazer agora pode ter sucesso com abordagens rasas, ou obediência a receitas pré-fabricadas. Para desfazer os equívocos do século 20, que nos trouxeram até aqui, precisamos mergulhar no fundo destes enganos, transformar o próprio conceito dominante de verdade (cartesiano, newtoniano, reducionista, fragmentador) e seus critérios de validação.

Adotar um pensar holístico, para ultrapassar a adoração do lucro, a fé na mão invisível, os rituais baseados na magia do equilíbrio com maximização, da concorrência perfeita, da simetria da informação, da auto-regulação, da onipotência, onisciência e onipresença do mercado, o criacionismo dos juros e as liturgias de busca do eterno crescimento. Aprender a usufruir melhor a satisfação com menos consumo, mais sensibilidade, menos resíduos.

A chave que vai definir se vamos ou não reverter a degradação do ser humano, da sua sociabilidade e de toda a ecosfera, é reconhecer que quanto mais o racionalismo tenta ser materialista e objetivo, mais, efetivamente, está entregue a um fanatismo, cujo vértice é o que o engenheiro e professor Valdemar Setzer, do Instituto de Matemática e Estatística da USP, enuncia como o Dogma Central da Ciência Contemporânea (DCCC): “O maior preconceito existente no mundo é que nele existem apenas processos materiais.”

Se seremos ou não capazes de, pela primeira vez, mudar conscientemente nossa trajetória e sair da rota de colisão contra a força que deu origem e mantém o universo vai depender de conseguirmos entender que até aqui, fomos membros, sem o saber, de uma seita. Que o que se elabora e difunde nas universidades é, em grande parte uma pregação que encobre devoção pelo individualismo e pelo isolamento. Que os ensinamentos que alicerçam nossas atuais explicações e prescrições para práticas da economia, longe de serem científicos, são fundamentalistas, nascem da idolatria ao auto-interesse, e à acumulação, são interpretações distorcidas das escrituras de Adam Smith. São profecias que mesmo quando se auto-realizam, nos induzem a erro.

Se Descartes fincou a existência moderna sobre a racionalidade, achando que existia porque pensava, hoje a ecologia nos mostra claramente que vivemos porque estamos conectados numa rede infinita e retroalimentada de interdependências complexas espaço-temporais. E as previsões ambientais demonstram que só seguiremos existindo se juntos mudarmos nossa economia. Precisamos juntos retornar ao padrão fundamental visível e invisível de criação e alimentação da vida, que, com exceção dos últimos dois séculos, durante milhões de anos sustentou todas as espécies, mesmo a nossa. Se não aprendermos a honrar esta totalidade, não seremos dignos de compartilhar da sabedoria das tulipas, das gotas d'água, dos filhotes e dos anjos.

Seguidores do neo-testamento liberal alegam que não há outra alternativa. É o dogmatismo o que impede de identificar as mudanças que já começaram, os passos irreversíveis que estamos dando coletivamente, local e globalmente, as múltiplas experiências econômicas hoje em curso baseadas não em ilusão, em uso, competição e conquista, mas em consciência, cooperação, convívio e amor.

5. Rumos possíveis pós-lucrologia

Diante das urgentes ameaças que nos são impostas pela degradação do homem, da governabilidade e da ecossfera, acarretada pelo nosso inconseqüente fazer econômico e pelo pensamento econômico insuficiente contemporâneo, cabe ousar em direção ao desconhecido, tentar apalpar algo tão inexistente quanto imprescindível: qual o novo pensar e os novos valores necessários para uma nova economia, verdadeiramente solidária?

Assim como só se podia asfixiar o machismo substituindo dentro de nós as velhas idéias por novas formulações e posturas, mesmo tendo, também nós mulheres, como única base, o próprio pensar androcentrista, não temos outra opção senão seguir também usando o pensar disponível, apesar de individualista, e aprender a ver a nova visão do mundo usando esta que temos. Afinal, a única concepção que nos permite passar para a próxima é exatamente a que temos. Somente o degrau em que estamos nos leva ao seguinte

Se no nosso tempo o pensamento científico ocupa o lugar de verdade norteadora, e por vezes “o poder da ciência torna o conhecimento científico uma crença dogmática” como diz a Profa. Ana Maria Faccioli de Camargo, da faculdade de Educação da Unicamp no prefácio de “Como se ensina a ser menina”, não faremos um tempo novo, sem tirar de vez o retrovisor do microscópio. Não só os enunciados resultantes, mas também os signos e os critérios da validação científica devem ser escrutinados. Com isso podemos aspirar a alcançar gradualmente os dogmas vindouros. Até que com sua recorrente sucessão deixemos de acreditar neles e só assim eles possam deixar de ser dogmas. E nossa liberdade se amplie.

Precisamos de coragem. Dorfmann e Mattelart dizem: Para ascender ao conhecimento, que é uma forma de poder, não podemos continuar subscrevendo, (...) os rituais de iniciação com que as sacerdotisas da "espiritualidade" protegem e legitimizam seus direitos exclusivos de pensar e de opinar (...) ainda quando se trata de denunciar as falácias vigentes, os pesquisadores tendem a reproduzir em sua própria linguagem a mesma dominação que eles desejam destruir. (...) o cientista quer estudar a chuva e sai com um guarda-chuva."

Para viver uma economia solidária, capaz de afastar as ameaças que pesam sobre nossa espécie, convém criticar e afastar os pretensos fundamentos científicos, individualismo inclusive, que subjazem à utilização dos recursos do planeta e dos nossos semelhantes por ignorarem o direito destes (no passado, presente e futuro) à autodeterminação e à cooperação.

O individualismo não é uma lei natural, nem mesmo propriamente um pacto: nunca o avalizamos, nunca o subscrevemos. É um código secreto que assimilamos e nos desintegra, é como um vírus. Nossa mente está impregnada da forma individualista, e de seus parentes, o separativismo, a fragmentação, a compartimentação, a linearidade. E com essas representações mentais e raciocínios plasmamos nossas realidades, nossas formas sociais e materiais.

O código impresso em nossas instituições se auto-transmite nas entrelinhas das linguagens e em todas as disposições convencionadas. Seu poder e sua inconsciência se confundem: o individualismo é tanto mais inquestionável quanto mais difuso estiver em nossos pensamentos e ações. E quanto mais potente, mais implícito, menos ele se faz enunciar. Em geral mal o notamos. Não percebemos sua indelével penetração nas nossas teorias, sonhos e batalhas.

Muitos, inclusive imbuídos de genuíno amor ao mundo e à vida, centram sua mira e descarregam sua munição no alvo visível do capitalismo. Mas embora seja necessário abolir suas injustas relações, não é suficiente, pois o vírus resiste, se transmite através do próprio lutar. Mesmo instituindo a propriedade coletiva dos meios de produção subsiste o antigo pensamento individualista e seus valores, e portanto a negação do outro, a utilização e a dominação – que é por natureza mútua. A dominação também é intransitiva.

A pergunta inicial pode ser precisamente o que nos impede de respondê-la – não parece fazer sentido tentar conceber o modo de pensar necessário para uma economia solidária. Talvez justamente devêssemos pensar não numa economia, mas numa vida solidária, isto é, talvez nenhum pensamento sobre economia baste para orientar uma economia solidária. Recortar a economia do conjunto talvez já seja o equívoco e pensar no solidário seja insuficiente para o salto. Talvez precisemos conceber o todo integrado, para que dentro de toda uma pulsação, possamos compor um convívio harmonioso, e nele praticar a economia condizente.

Desconfio que pensar sem sentir, sem imaginar, sem desejar também seja parte do erro que nos trouxe a essa economia letal que ruma desabaladamente para a inviabilidade da nossa espécie sobre a Terra.

Quais valores são necessários? Talvez essa resposta também esteja oculta nas incertezas acima... Talvez pensemos nos valores como condição prévia, antecedendo causalmente uma nova economia, enquanto possivelmente a linearidade nos iluda, nos impeça de mergulhar em novos valores numa relação radial, em que de uma nova relação coletiva, incluindo uma nova economia, decorram novos valores tanto quanto de novos valores decorre a harmonia e a integração capaz de conter tais novas relações de produção, distribuição e consumo.

Talvez a armadilha em que nos metemos, que nos separa de um pensamento que permita a nova visão, a nova relação com o outro, conosco, e com a vida, e portanto nos impede de ser a nova economia, seja especificamente a aversão pelas incertezas, pelo “talvez”, pela reticência, o apego à literalidade, a renúncia à metáfora, ao subjetivo.

A vivência plena da cultura em todas as suas dimensões: filosofia, arte, religião, mais que a paixão irrefreada - e limitada à ciência - pode nos conduzir às experiências pessoais e coletivas que nos permitem cultivar em nós mutuamente a sensibilidade e os valores éticos e morais que hoje nos faltam para nos libertar da lucrolatria e da lucropatia.

Referências

ARKEL, H. et alli (organizadores), 2002. *Onde está o dinheiro? Pistas para a construção do Movimento Monetário Mosaico*: Porto Alegre: Da casa Editora.

HENDERSON, H. (2004), “Abolish the ‘Nobel’ in economics: many scientists agree”, InterPress Service,

_____, 2005. “*Sustainable Society and Sustainable Development: Limits and Possibilities*,” artigo apresentado no Simpósio Internacional “Terra Habitavel,” São Leopoldo, RS: UNISINOS.

_____, 2006. “*Ethical Markets - Growing The Green Economy*” White River Junction, Vt: Chelsea Green Pub. Company.

HODGSON, G, 2001. “*How Did Economics Get into Such a State*”, post-autistic economics newsletter : issue no. 8, July, article 2. www.btinternet.com/~pae_news/review/issue8.htm

KENNEDY, M, 1998. *Dinero sin inflación ni tasas de interes*: Buenos Aires: Nuevo Extremo.

MATTELART, Armand e **DORFMANN**, Ariel. *Para ler o Pato Donald*: Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978

MORENO, M, 1999. *Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola*: São Paulo: Moderna; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas.